

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

**LUIZOTE DE FREITAS : DE “SERRA PELADA” À BAIRRO MODELO
UBERLÂNDIA (1979 Á 2009)**

LUIZ MENDES DO NASCIMENTO JÚNIOR

4221
S.9
FC*

LUIZ MENDES DO NASCIMENTO JÚNIOR

**LUIZOTE DE FREITAS : DE “SERRA PELADA” À BAIRRO MODELO
UBERLÂNDIA (1979 Á 2009)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Professora Dra Antoniette Camargo de Oliveira e co-orientação da Professora Dra Maria Andréa Angelotti Carmo.

Uberlândia, novembro de 2013.

LUIZ MENDES DO NASCIMENTO JUNIOR

**LUIZOTE DE FREITAS: DE “SERRA PELADA” À BAIRRO MODELO
UBERLÂNDIA (1979 A 2009)**

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a Antoniette Camargo de Oliveira

Professora Doutoranda Geovanna de Lourdes Alves Ramos

Professora Doutoranda Rosa Maria Ferreira da Silva

A minha mãe que sempre esteve presente em todos os momentos vividos, me incentivando e apoiando, trago comigo o seu exemplo de humildade e determinação. Ao meu pai pelo seu apoio e carinho. Aos meus irmãos, pela compreensão e carinho. Todas as situações que passei a minha família esteve ao meu lado, por essa razão dedico a eles.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a todos os professores do Instituto de História que contribuíram para minha formação. À Professora Maria Andréa Angelloti Carmo. Em especial, a professora Dr^a Antoniette Camargo de Oliveira pela paciência e por sua valiosa co-orientação. Aos meus colegas de turma, pelo convívio em sala, em especial, Maria Helena de Freitas, Márcio Henrique e Tiesley Aparecido. Ao meu amigo Antônio Rafael Júnior que contribui para realização deste trabalho e aos seus pais. Ao secretário João Batista por sempre estar empenhado em ajudar. Minha Gratidão a Nice e o Célio, a Deus, pela oportunidade da vida e saúde. A dona Iracilda e Senhores Otávio e Walter. Vou levar essa experiência para resto de meus dias.

“Nas sociedades de classe, a história faz parte dos instrumentos por meio dos quais a classe dirigente mantém seu poder. O aparelho de Estado procura controlar o passado simultaneamente, no nível da política prática e o nível da ideologia” (Jean Chesneaux).

Resumo

Este trabalho procura analisar as origens do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, os motivos de surgimento. A construção da imagem do poder dominante moldou sobre esse feito. A realidade enfrentada pelos mutuários e suas lutas constante para mudar esse cenário.

A Pesquisa partiu das comemorações de aniversário do bairro, a situação que ele encontra-se atualmente até chegar os primeiros anos permeando os interesses de dos grupos envolvidos nesse projeto.

Neste sentido, é fundamental compreender os interesses de cada grupo envolvido nesse projeto. Para tanto tornou-se necessário entender a relação a relação presente passado, na tentativa de analisar essas memórias no tempo que são produzidas.

SUMÁRIO

	Introdução.....	9
Capítulo I	33 anos do Luizote de Freitas.....	12
Capítulo II	Os vários Ângulos de um mesmo Conjunto: demanda por casa própria.....	25
Capítulo III	O Luizote ontem: problemas e lutas.....	28
	Considerações finais.....	42
	Artigo de Jornais.....	45
	Referências Bibliográficas.....	46

INTRODUÇÃO

*(...) Mais moderno, mais humano, mais funcional (...)*¹.

Fundado há três décadas, o Conjunto Luizote de Freitas foi pioneiro em número de habitações construídas naquele período na cidade de Uberlândia. Atualmente é o quinto bairro mais populoso. Ao passarmos na avenida central é perceptível a quantidade de estabelecimentos comerciais, bancos, lotérica, entre outros, por toda a extensão da via. Um fluxo intenso de carros, ônibus e motos, trânsito semelhante ao de outras áreas centrais da cidade. Ruas bem asfaltadas, unidades de saúde, escolas, creches e um poliesportivo. Com o passar dos anos as casas padronizadas, foram modificadas, melhoradas, lembrando muito pouco o projeto original.

O Conjunto residencial Luizote de Freitas foi pensado desde início como uma grande obra, a qual iria beneficiar aos trabalhadores uberlandenses com moradias acessíveis. No entanto, era inexistente no município a vontade política de reduzir o *déficit* de moradias. A prioridade das elites foi primeiramente preparar o caminho que conduziria o progresso.

O conjunto Luizote de Freitas em sua história traz especificidades que outros bairros não possuem. O próprio evento de sua inauguração oficial contou com a presença do

¹ Ministro do Interior e Governador de Minas inauguram o mais bem planejado conjunto habitacional, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, sexta-feira, 11 de julho de 1980.

Presidente da República à época; além da questão de escolher uma data comemorativa que coincidissem com o dia do aniversário da cidade e ainda a contribuição da imprensa:

*(...) enquanto o município completa 125 anos, O Luizote na zona leste, faz 33 e se consolida como a área mais comercial do município (...).*²

O tempo presente revela através da imagem as melhorias que vieram sendo efetivadas com o passar dos anos no bairro. Neste sentido, cabe a nós historiadores, com nossas pesquisas, descortinar as outras histórias que não aparecem nos documentos oficiais. O objetivo deste trabalho de monografia é o de dar voz aos sujeitos que estão à margem dos grandes acontecimentos e cujas “histórias” não aparecem. Desta forma surgiram alguns questionamentos: Quem realmente foi beneficiado com a construção do bairro, a elite política? E os moradores? Realmente o bairro condicionou dignidade ao proporcionar ou facilitar o acesso à casa própria aos menos favorecidos?

Sendo assim, foi necessário abordar um período que compreende final da década de 1970 até 2009, ou seja, do início da construção do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas até a primeira década dos anos 2000, quando a maioria dos problemas do bairro foram sendo amenizados.

Foi utilizado como uma das fontes de pesquisa o Jornal “Correio de Uberlândia”, pertencente a um grupo da elite local; o Jornal “Participação”, impresso durante o mandato do Prefeito Zaire Rezende e o Jornal da Associação de Moradores do Conjunto Luizote de Freitas. No contato com tais impressos foi possível perceber o que eles falavam ou ocultavam e o que exaltavam ou reivindicavam sobre assuntos pertinentes ao bairro Luizote de Freitas. Outra fonte foram entrevistas, os testemunhos dos moradores do conjunto sobre as experiências vividas desde a fundação do bairro, relatos esses que contrapõem a imprensa.

Também foi utilizado um artigo da revista “Observatorium”³, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, que serviu de fonte de dados como: a

² Bairro mais comercial da cidade também faz festa, Jornal *Correio Uberlândia*, 31 de agosto de 2013

³ SOUZA, M.; Marcus Vinicius e FILHO, R. Vitor. O Subcentro Luizote de Freitas em Uberlândia (MG): Novas Centralidades no Contexto das Cidades Médias *OBSERVATORIUM – Revista Eletrônica de*

quantidade da população e empresas comerciais atuantes no bairro. Por outro lado observou-se que não tem um posicionamento crítico a respeito dos problemas que envolvem o bairro de maneira geral. Por outro lado, o trabalho de mestrado de Giselda Simonini⁴ aborda como as elites construíram uma ideologia dominante. Além de fotos, atuais e também imagens veiculadas pelos Jornais “Correio de Uberlândia”, e Jornal “Participação”.

O trabalho foi dividido em três capítulos visando analisar os desdobramentos históricos. O primeiro capítulo aborda a questão da comemoração dos mais de trinta anos de existência do Luizote e suas origens. O segundo capítulo busca os desdobramentos históricos no país que viabilizaram o desenvolvimento da cidade de Uberlândia e, conseqüentemente, a demanda por casa própria. Já o terceiro capítulo traz a realidade vivida pelos moradores, suas dificuldades nos primeiros anos de moradia e ainda o importante papel da associação do bairro, buscando melhorias, reivindicando direitos dos mutuários e outros.

⁴ SIMONINI, Giselda C. da Silva. *Telefonia: Relação Empresa e Cidade: 1954-1980*. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em História da PUC/SP, 1994.

CAPÍTULO I

33 ANOS DO LUIZOTE DE FREITAS

No dia 31 de Agosto de 2013 o conjunto Luizote de Freitas completou 33 (trinta e três) anos de existência. A data não é mera coincidência, o que será trazido ao texto oportunamente. Prestando homenagem a esse importante bairro de Uberlândia, a Prefeitura Municipal e algumas entidades privadas e culturais como a ACCIPEN (Associação Pérola Negra), que organizaram uma série de atividades para os moradores. A agenda festiva contou pela manhã com discurso do Prefeito e ex-morador do bairro, o senhor Gilmar Machado; a presença de diversos vereadores, desfiles da corporação do 36º Batalhão de Infantaria do Exército e Polícia Militar e de alunos da Escola Estadual local, ocorridos na Avenida Jose Fonseca e Silva (principal do conjunto); contou também com distribuição de brindes para os moradores. Outras atividades se estenderam ao longo do dia em mais dois pontos diferentes do bairro.

Localizado no setor Oeste da cidade, o conjunto habitacional Luizote de Freitas tem seus limites físicos com os bairros: Jardim Patrícia, Mansour e Chácaras Tubalina, e está a uma distância de aproximadamente 7 (sete) quilômetros do centro da cidade⁵. Ao trazer essa informação sobre a distância de deslocamento entre o bairro ou Conjunto Luizote de Freitas e a área central da cidade para a atualidade, é considerada uma distância curta e o tempo para percorrer-lo é relativamente também é curto, com certa facilidade de acesso. Entretanto, ao ser inaugurado, a distância e a localização não era um fator positivo; os recém-moradores do

⁵ SOUZA, M, Marcus Vinicius e FILHO, R, Vitor, O Subcentro Luizote de Freitas em Uberlândia (MG): Novas Centralidades no Contexto das Cidades Médias *OBSERVATORIUM – Revista Eletrônica de Geografia*. V.1, n.2, jul. 2009, p.74-89.

conjunto eram vítimas de preconceito nesse sentido, pelos moradores das demais áreas da cidade. Em entrevista, o ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Luizote de Freitas, Sr. Walter, comenta sobre esse fato:

(...) Ih aqui era chamado de Serra Pelada, o povo [...] era! Serra pelada! Mesmo pra onde cê vai? Vou lá prá Serra Pelada era o Luizote! Certo? Porque o Dona Zulmira é lá no fundim né! Dona Zulmira ali maçonaria ali aí lá cê entrava no mato e vinha no meio do pasto da braquiara até chegar aqui, ali era pasto (...). (Sr. Walter, 2013).

Segundo dados de pesquisa do ano de 2010 do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o conjunto Luizote de Freitas tinha uma população de 19.168 (dezenove mil cento e sessenta e oito) habitantes, sendo 9.228 (nove mil, duzentos e vinte e oito) homens e 9.940 (nove mil novecentos e quarenta) mulheres. Estes estavam distribuídos na seguinte faixa de idade: 2.604 (dois mil seiscientos e quatro) crianças de zero a nove anos, de dez a dezenove anos 2.990 (dois mil novecentos e noventa), de vinte a quarenta e nove anos 8.928 (oito mil novecentos e vinte oito) e de cinquenta até mais de cem anos de idade somavam 4.646 (quatro mil, seiscientos e quarenta e seis) habitantes⁶. Em 2010 haviam 6.411 (seis mil quatrocentos e onze) domicílios⁷, e o Luizote de Freitas está classificado como o quinto maior em número de habitantes do município de Uberlândia.

Na área educacional o conjunto possui uma Escola Municipal de Educação infantil – EMEI, que atende a crianças de 4 (quatro) meses a 5 (cinco) anos de idade⁸ duas Escolas Estaduais: a Professor Leônidas de Castro Serra, na Avenida José Fonseca e Silva, de ensino fundamental e a Juvenília Ferreira dos Santos, de ensino fundamental, médio e educação de jovens e adultos e a Mário Alves.

Para quem transita pelo Luizote é notável o grande fluxo de pessoas, veículos e a grande diversidade de estabelecimentos comerciais principalmente na Avenida José Fonseca e Silva, principal via de acesso ao bairro, nome este que foi dado em homenagem ao ex-prefeito que

⁶ Internet: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1460.pdf>, IBGE, 2010. Acesso em 02/11/2013.

⁷ Idem.

⁸ Internet: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=72>. Acesso em 02/11/2013.

administrou a cidade entre 1948 e 1950⁹. A referida avenida inicia-se ainda no Bairro Dona Zulmira, corta o Bairro Jardim Patrícia passa pelo centro do Luizote e estende-se até o Mansour e Jardim Europa. A variedade de estabelecimentos comerciais torna-se uma vantagem para os moradores, pois eles não precisam deslocar-se para os pontos da cidade e fazer suas compras de gêneros alimentícios, transações bancárias, comprar remédios, eletrodomésticos, entre outros. Dessa forma, o Luizote de Freitas destaca-se como um bairro com um importante centro comercial, e que o diferencia de outros bairros próximos e até mais antigos.

A foto a seguir mostra o movimento de transporte público, carros, motos e pedestres na Avenida José Fonseca e Silva, a mesma que se tornou um centro comercial diversificado:



Fonte: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/mais-seis-bairros-de-uberlandia-terao-videomonitoramento-ate-o-final-do-ano/>. Acesso em 03/11/2013.

⁹Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_prefeitos_de_Uberl%C3%A2ndia. Acesso em 03/11/2013.

Analisando a imagem, é notório que a grande maioria das edificações sejam comerciais, situação atual que contrasta com a paisagem do Conjunto em seu início, conforme o Sr. Walter esclarece:

Não era permitido comércio, a Cohab tinha três centro comercial, tinha um lá lado cima do Juvenília ali, tinha um aqui onde é o bar do Leo de cá da Associação tem um depósito de gás, um bar, ali era um centro comercial e tinha outro aqui onde é aquela igreja ao lado do EMEI. (Sr. Walter, 2013).

O quadro a seguir trás algumas das empresas que se instalaram no Bairro Luizote de Freitas e passaram a fazer parte da nova configuração comercial do conjunto; elas se estabelecem ali, obviamente por enxergarem no local um alto potencial para seus negócios. Grande parte dessas organizações empresariais têm suas matrizes em áreas centrais da cidade e optaram por atuar também na periferia.

Nome do Estabelecimento	Ramo de Atuação
Automara Veículos	Venda de veículos
BMG Financeira	Empréstimo Pessoal
Bradesco	Banco
Caixa Econômica	Banco
Cardoso Moto	Venda de veículos
Correios	Correio
CTBC	Telefonia
Dokas 1,00	Artigos diversos
Drogalíder	Farmácia
Eletrosom	Eletrodomésticos
Itaú	Banco
Lojas Cruz	Vestuário
Nacional Pisos	Material de Construção
Pratik Informática	Cursos
Supermercado Super Maxi	Supermercado
Suzuki Motos	Venda de veículos
Very's Calçados	Vestuário
Yamaha	Venda de veículos

Antes de sua construção o Conjunto Luizote de Freitas foi uma fazenda de 84 (oitenta e quatro) alqueires que pertencia a Luiz Freitas Costa, apelidado de Luizote como ficou mais conhecido. Após o seu falecimento a família vendeu as terras para o Sr. Virgílio Galassi, que exercia então o segundo mandato, na época, como prefeito (entre 1977 e 1982). Essas terras compõem, na atualidade, as áreas dos bairros Luizote de Freitas, Mansour e Jardim Patrícia, que faz divisa com o bairro Dona Zulmira, antecessor desses últimos, o qual leva o nome da primeira mulher de Luiz Freitas, Zulmira Gonzaga. O médico e ortopedista Luiz de Freitas Costa Neto, conhecido como Dr. Luizote, hoje com 56 (cinquenta e seis) anos de idade, herdou o apelido e a vocação pela política de seu avô, ex-dono da referida fazenda. Segundo ele, as pessoas o procuravam no hospital, seu local de trabalho, como ele fosse o proprietário do conjunto, para resolver os seus problemas do bairro:

*(...) tem gente que confunde. Já vieram aqui me pedir pra conversar na Caixa Econômica por causa de dívida de prestação de casa. Vêm falar que, como sou dono bairro, eu poderia ajudar. Eu falo que, se eu fosse dono de tudo aquilo lá, não estaria aqui trabalhando igual a um doido (...).*¹⁰

Em 1979 a COHAB-MG assinou convênio com o município para construção de 1854 (mil oitocentos e cinquenta e quatro) casas no que seria o Bairro Luizote de Freitas I, para serem financiadas aos trabalhadores da cidade. As obras foram iniciadas e nesse mesmo ano foram divulgados os valores da obra, bem como o prazo da entrega das casas, como noticiava a imprensa na época:

(...) O empreendimento que custará 220 milhões de cruzeiros terá a construção a firma SEULAR. Que na mesma

¹⁰ Ortopedista é neto do fundador, *Jornal Correio de Ubelândia*, Domingo, 05/04/2009, p. B3

*oportunidade assinou um contrato com a COAHB MG 1/3 em 6 meses, 1/3 em 12 meses e outro em 18 meses(...).*¹¹

Em Janeiro de 1980 foram convocados pela Secretaria de Ação Social as pessoas que tinham feito inscrição para conseguir casas junto à COHAB-MG. No entanto, as casas começaram a ser entregues a partir de Março do ano referido, pois ainda faltava concluir rede de energia elétrica, obras da escola e o centro social¹². Em entrevista, Dona Iracilda, uma das primeiras famílias a conseguirem casa no conjunto, comenta sobre como foi fazer a inscrição e como foi o chamado para pegar as chaves:

*(...) Então, surgiu o assunto, né?![...]Aí, é... Aí falaram que tava fazendo a inscrição e tudo e meu marido foi lá e fez, no último dia ele fez a inscrição. E, ele foi transferido daqui, que ele trabalhava no DER, aí ele foi transferido pra Patos de Minas, aí a gente nem tava mais lembrando dessa inscrição, de nada, aí ligou pra gente lá que a casa aqui tinha saído. Que era pra ele vim pegá a chave (...).*¹³

A segunda etapa foram 1848 (mil oitocentos e quarenta e oito) casas e a etapa final em 1984 com 330 (trezentos e trinta) casas. Já o Luizote III não houve a construção de casas habitacionais pela COHAB, ele foi loteado para venda de terrenos.

¹¹ Cohab assina convênio com a prefeitura para construir 1854 casas. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, 6 e 7 Janeiro de 1979, p.1.

¹² Os inscritos começaram a ser chamados em Janeiro, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, quarta-feira 24 de Outubro de 1979.

¹³ Entrevista com a moradora do Bairro Luizote de Freitas, Dona Iracilda Camargo Santos, realizada em 17/09/2013



Fonte: Jornal *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, quinta-feira, 23 de Agosto de 1979.

O surgimento do Conjunto Luizote de Freitas veio atender a um número crescente da população da cidade no final da década de 1970 e início dos 1980. Para isso é importante buscar na História os desdobramentos políticos e econômicos que desencadearam esse processo.

A partir nos anos 1950 ocorre no Brasil mudanças significativas nos aspectos políticos e econômicos. Em seu mandato como presidente, Juscelino Kubitschek que governou o país de 1956 á 1961, transferiu o eixo das decisões políticas construindo Brasília, no Planalto central brasileiro. JK foi um estrategista, fez articulações com partidos tanto da oposição quanto da situação para realizar seus projetos de governo. Através da criação do Plano de

Metas, ele tinha como lema fazer “50 anos em 5”, “modernizar” o país desenvolvendo o parque industrial e retirar o país da condição de agro-exportador para a de “industrializado”. Juscelino Kubitschek, ao adotar o plano desenvolvimentista, atendeu também a outra determinação externa; a nova etapa da expansão do grande capital monopolista que direcionou investimentos aos países subdesenvolvidos, configurando assim a nova fase do imperialismo. Contudo, através desse plano, o Estado passou a redirecionar a economia sem alterar essencialmente os padrões de funcionamento dos setores preexistentes. Ou seja, foi mantida a correlação de forças entre as classes dominantes preservando o delicado equilíbrio de alianças e compromissos do setor produtivo. O intenso crescimento industrial expande a contradição entre progresso e a realidade social da população brasileira naquele período¹⁴.

É importante ressaltar que o horizonte industrial era uma novidade para os brasileiros, mas de fato a recém industrialização não foi capaz de cumprir seu papel completo, pois ainda dependemos de tecnologia externa por razões históricas por sermos um país industrializado tardiamente, segundo alguns autores. Vários seguimentos foram melhorados, desde a indústria de base, portos, expansão da malha rodoviária e o surgimento da manufatura de bens duráveis, que alteraram o panorama econômico brasileiro. A industrialização passa a modificar também a vida urbana com a mecanização da agricultura, que desencadeou um grande deslocamento de contingentes de pessoas do meio rural para as cidades, alimentando com mão-de-obra barata o setor industrial. Nas décadas posteriores, a migração do campo para cidade foi sendo uma realidade para as famílias que vão buscar nas cidades meios de sobrevivência, como aconteceu com a família de Dona Iracilda:

*(...) Bom, a gente não veio pra Uberlândia primeiro, né?! Uai! Veio tentá a sorte, né?! Vendeu o que tinha lá [...] a fazendinha que tocou pra ele, meu pai vendeu e veio tocá lavoura em Centralina [...].Então, é, a gente morou, né?! Lá em Centralina. [...]. Ai, depois ele veio pra Uberlândia, pra gente estudá (...).*¹⁵

Segundo os dados do gabinete de planejamento da Prefeitura Municipal de Uberlândia do ano de 1984, 41% dos moradores eram provenientes da cidade e 39% de outras regiões.¹⁶

¹⁴ MARANHÃO, Ricardo. *O Governo Juscelino Kubitschek*. Ed. Brasiliense, p.55 e 56.

¹⁵ Entrevista com a moradora do Bairro Luizote de Freitas, Dona Iracilda Camargo dos Santos, realizada em 17/09/2013.

¹⁶ Fonte: Jornal Participação: Janeiro de 1987 planta do Bairro Luizote de I e II Freitas p.7.

Uberlândia foi privilegiada com a construção da nova Capital Federal; as principais rodovias que ligam o centro do país a outras regiões passam pela cidade. Além disso, houve a construção de uma imagem de “cidade progresso”. Nos anos 1940, as elites juntamente com o poder público municipal, adotaram medidas para “maquiar” o cenário urbano uberlandense. Foram retirados do centro todas aquelas pessoas que não representavam uma boa impressão aos visitantes que chegavam à cidade: mendigos, e ou pedintes foram expulsos e obrigados a permanecer à margem das atividades comerciais e administrativas¹⁷.

Preservar o centro da cidade sempre limpo e ordeiro fazia parte dessa ideologia. Segundo Simonini, essa prática adotada pela imprensa, políticos e empresários perdurou até no final dos anos 1980, ignorando a existência de problemas urbanos. A imagem de Uberlândia se destacava em relação a outras cidades por não existir aqui “nenhuma” anomalia social. No entanto, a autora afirma também que esse projeto funcionou parcialmente, pois a cidade idealizada pela elite se conflitava com a cidade real, que são os sujeitos sociais, dotados de necessidades básicas como transporte, alimentação, saúde e moradia. E à medida que a polis alcançava cada vez maiores níveis de desenvolvimento, o poder público sabia que seria cada vez mais difícil ignorar a grande parcela de indivíduos excluídos. Do progresso em pleno curso que acontecia na cidade poucos colhiam os frutos, a maioria se encontrava em situação de miséria. A “modernidade” se traduzia em novas avenidas, pontes que impressionavam pela mudança visual e assim, fortalecendo os feitos da classe dominante uberlandense.

No final dos anos 1970, o governo militar começou a promover a distensão política iniciada ainda no término do mandato do presidente Ernesto Geisel e continuado pelo seu sucessor João Figueiredo. Anistia aos brasileiros que estavam exilados em outros países e também o surgimento de novos partidos políticos. Neste período, além da supressão dos direitos do cidadão em manifestar suas pretensões de liberdade, a economia era instável e atingia principalmente a população menos favorecida, que convivia com altos índices de inflação. A notícia no periódico abaixo delineava a situação econômica e os arranjos que o governo militar adotava para “melhorar” a condição dos pobres:

¹⁷ SIMONINI, Giselda C. da Silva. *Telefonia: Relação Empresa e Cidade: 1954-1980*. Dissertação de mestrado apresentado no Programa de Pós Graduação e História da PUC/SP, 1994.

*(...) O ministro Delfim Neto baixou ontem à noite, um “minipacote” de preços. Tabelou o feijão preto em todo o território nacional (Cr\$ 23,00 o quilo); fixou o preço do arroz no Rio de Janeiro (Cr\$ 18,50 o quilo); reduziu os preços dos óleos lubrificantes em 30 por cento; colocou toda indústria de óleos comestíveis sob controle do Cip. Liberou totalmente as importações de alho procedente do Mercado Latino-Americano, fixou o imposto de 30 por cento sobre o frango abatido (...).*¹⁸

Ao lidar com as fontes escritas como os jornais da época, fica constatado que a vida dos pobres não era das mais favoráveis, pois até os gêneros de primeira necessidade eram de difícil acesso. Como é que um indivíduo que tinha dificuldades de manter sua família teria condições de ter sua própria moradia? As cidades estavam cada vez mais absorvendo novos habitantes e precisavam acomodá-los. O poder público cria vias de acesso à nova demanda de casas, com o surgimento da COHAB.

A companhia de habitação de Minas Gerais, COHAB-MG, foi criada pelo governo do estado como sociedade de economia mista, com a missão de combater o *déficit* habitacional e urbanizar vilas e favelas no estado. Foi criada pela Lei nº 3.403, de 02 de julho de 1965, proposta pelo então governador José de Magalhães Pinto e aprovada pela Assembléia de Estado de Minas Gerais.

A ação de criar a COHAB Minas foi a consequência direta da demanda por moradias causada pelo êxodo rural para os grandes centros urbanos. A mudança interna da população, que buscava oportunidades produzidas pela profunda transformação econômica e social que o País como um todo e Minas Gerais, no caso, viveram a partir da década de 1960. Assim como foi na sua fundação e na atualidade a COHAB Minas tem como meta reduzir de forma gradual o *déficit* habitacional no estado.

O primeiro conjunto habitacional da COHAB-MG foi inaugurado no dia primeiro de novembro de 1967, denominado de Conjunto Vale do Jatobá, em Belo Horizonte, com 1312 (mil trezentos e doze) moradias.

A empresa nasceu condicionada, e seguiu à risca, as normas estabelecidas pela lei federal nº 4.380 de 21 de agosto de 1964. Esta Lei institui a correção monetária nos contratos imobiliários de interesse social, o sistema financeiro para aquisição da casa própria, cria o

¹⁸ Delfim dá uma nova investida no combate contra a inflação. *Jornal Correio Uberlândia*, 23-1-1980, p.4.

Banco Nacional da Habitação (BNH) e Sociedades de Crédito Imobiliário, as Letras Imobiliárias, o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo e dá outras providências¹⁹. Também se obrigava a acatar a orientação normativa da assistência técnica direta do Serviço de Habitação e Urbanismo – SERTHAU.

Quando foi criada, havia nesta época maior disponibilidade de recursos fiscais e orçamentários para a habitação popular, possibilitando dessa forma à COHAB a construção de diversos e grandes conjuntos habitacionais. Contudo, essa política perdeu suas forças em consequência dos problemas de concepção do modelo do sistema financeiro de habitação. Depois de completar mais de 40 (quarenta) anos de existência, a COHAB Minas passou, a partir de meados de 2005, a construir casas populares em contexto diferente e mais desafiador que nas décadas de 1970 e 1980²⁰.

Mesmo permeado pela crise econômica do período, o poder público municipal preparou o fomento de colocar a cidade nos trilhos do progresso. Instalou em Uberlândia no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 organizações empresarias multinacionais que alavancaram a arrecadação da cidade:

*(...) Só para ter uma idéia, de 1982 pra cá, um total de 31 novas empresas dos mais variados ramos de negócios foram instalados no Distrito Industrial, através da ação conjunta da Companhia de Distritos Industriais CDI-MG e Prefeitura de Uberlândia. Juntas essas empresas já geraram mais de 1 mil empregos diretos, possibilitando o surgimento de mais 4 mil indiretos. Apenas uma das indústrias que está em implantação - a Cargill Agrícola S/A está investindo cerca de Cr\$ 45 bilhões (preços de outubro de 1984) o que representa mais de Cr\$ 25 bilhões ao ano(...).*²¹

Por outro lado, o poder dominante tratou de reforçar sua ideologia. A inauguração do conjunto “coincide” com a mesma data de aniversário da cidade: 31 de agosto. O aparelho do Estado interfere mais concretamente nessas construções de datas, para ritualizar o passado e

¹⁹ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CASA CIVIL, subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4380.htm>. Acesso em 29 set. 2013.

²⁰ COMPANHIA DE HABITAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, História. Disponível em <<http://www.cohab.mg.gov.br/show.php?idnoticia=15>>. Acesso em 28 set. 2013

²¹ Novas indústrias para espantar o desemprego, Jornal Participação, Maio de 1985.

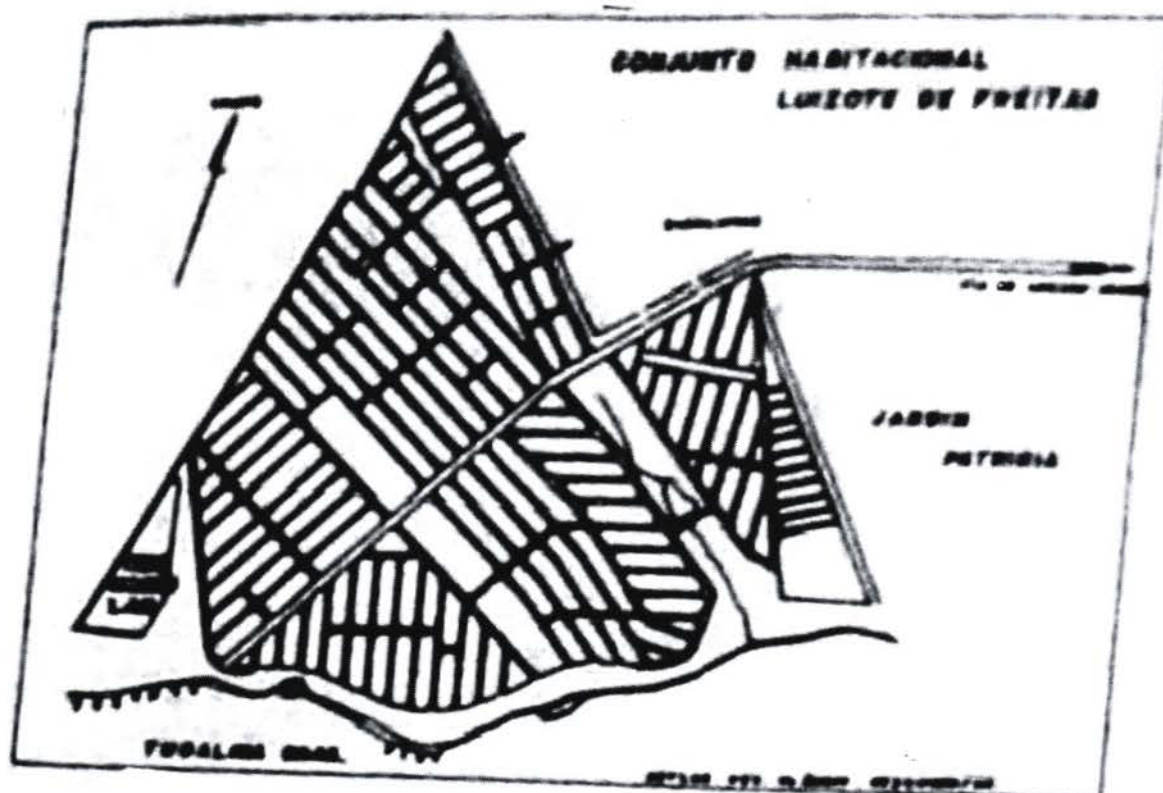
colocar a seu serviço a memória popular. São os fatos nacionais, as comemorações e os aniversários solenes. (CHESNOUX, 1995).

Na inauguração, o conjunto contou com a presença do Presidente da República visitando outras obras concluídas na cidade como a Avenida Rondon Pacheco e o Parque do Sabiá, a administração municipal dias antes preparou a organização:

*(...) Aconteceu no Gabinete do Prefeito, uma reunião preliminar, entre os principais secretários da Administração Municipal e representantes da vida comunitária, para traçar o primeiro roteiro da visita que fará a Uberlândia o Presidente João Figueiredo (...).*²²

Aqui cabe ressaltar a construção da imagem dos grandes feitos do poder dominante. Deslocar uma comitiva presidencial para a inauguração do conjunto, momento festivo e depois a realidade dos moradores traduz em dificuldades nas necessidades mais básicas como a falta de água, luz, asfalto, creches, unidades de saúde e segurança. Problemas que arrastaram-se por vários anos e muitos deles foram resolvidos com muita luta pelos moradores, através da organização da Associação de Moradores do bairro, sendo possível dar voz àqueles que buscavam “melhorias” ou, melhor dizendo, seus direitos. Um outro ponto a ser analisado refere-se à compra das terras da família Freitas Costa pelo prefeito na época, o Senhor Virgílio Galassi e depois revendeu a área que originou o Conjunto Luizote de Freitas. Deixando vaga uma porção de terras entre o Bairro Dona Zulmira e o Luizote, que mais tarde originou o loteamento Jardim Patrícia. A seguir uma planta do conjunto:

²² Comunidade prepara para receber o Presidente Figueiredo, Jornal Correio de Uberlândia, quarta-feira, 13 de Agosto de 1980.



Fonte: Jornal Participação: Janeiro de 1987 planta do Bairro Luizote de I e II Freitas p.7.

CAPÍTULO II

OS VÁRIOS ÂNGULOS DE UM MESMO CONJUNTO: DEMANDA POR CASA PRÓPRIA

A construção do conjunto habitacional Luizote de Freitas era, na época, uma oportunidade para que os menos favorecidos adquirissem sua casa própria através de financiamento viabilizado pelo Estado em parceria com o Município. Assim a notícia do surgimento do novo bairro ganhava destaque na primeira página de um jornal de grande circulação da cidade de Uberlândia. A imprensa destacava os feitos do poder público municipal — representado pelo Prefeito Virgílio Galassi — que estavam prestes a acontecer:

No gabinete do prefeito municipal Virgílio Galassi, a Cohab MG assinou um convênio com o município, a fim de construir em Uberlândia no Bairro Luizote de Freitas 1854 unidades de casas para serem financiadas aos trabalhadores de nossa cidade ampliando assim a faixa residencial da cidade. O empreendimento que custará 220 milhões de cruzeiros terá a responsabilidade de sua construção a firma SEULAR. Que na mesma oportunidade assinou um contrato com a COAHB MG 1/3 em 6 meses, 1/3 em 12 meses e outro em 18 meses.²³

A suposição é que havia na época, década de 1970, 1980, muita necessidade de casa própria.

O trabalho que vem sendo realizado para a construção de Casas Populares em Uberlândia, terá prosseguimento, após a entrega dos conjuntos que estão em fase final de sua obra e outros que já foram determinados através de compra de terreno onde situarão.

Agora, o Prefeito Virgílio Galassi, informou á nossa reportagem, que a COHAB-MG procura novos locais para construir outros núcleos residenciais, com 2 a 3 mil unidades. O

²³ Cohab assina convênio com a prefeitura para construir 1854 casas. Correio de Uberlândia, Uberlândia-MG, Sábado e Domingo 6 e 7 Janeiro de 1979, p.01.

crescimento de Uberlândia, em todos os sentidos, começa a apresentar falta de terrenos, bem localizados e capazes de atender às exigências do plano habitacional.

Quem tiver áreas localizadas numa distância de 6 a 7 mil metros do Palácio da Justiça e com possibilidade de se tornarem capacitadas para o surgimento de novos núcleos habitacionais em favor dos trabalhadores, poderão oferecê-las diretamente à COHAB-MG ou através da Prefeitura Municipal, onde poderão ainda obter todos os detalhes para a venda dos terrenos.

Virgílio Galassi, dentro do seu sistema de trabalho, que é o empenho da comunidade na solução dos seus problemas, faz um apelo aos que têm terreno dentro das especificações exigidas, que procurem negociar com a COHAB, pois isto representa o prosseguimento do plano de construção de cinco mil casas populares.²⁴

Tratava-se de um momento em que a população da cidade crescia devido a fatores como a instalação da cidade industrial, a propaganda que se fazia em torno de Uberlândia, como a cidade das oportunidades, enfim, e isso trouxe muita gente de outros estados pra cá. Logicamente que não havia casa pra todo mundo. Uma das primeiras notícias a respeito a construção das mesmas saiu na imprensa em janeiro de 1979. Além das 1854 unidades do Luizote de Freitas, já se vislumbrava a construção de outros conjuntos:

[...]. Uberlândia poderá até o final da atual administração municipal construir outros conjuntos habitacionais para ser financiados aos seus trabalhadores dentro do plano da casa própria BNH/COHAB. Para o Bairro Santa Mônica está previsto um projeto de mil casas para o Lagoinha outras duas mil serão construídas. Esses projetos estão sendo estudados e analisados pelo BNH/COHAB MG e serão aprovados ainda no primeiro semestre deste ano.²⁵

Em tais noticiários, veiculados na imprensa escrita, especialmente no Correio de Uberlândia, era notória a positividade de tais empreendimentos imobiliários. A administração pública tratava de reforçar a imagem da cidade em constante progresso e crescimento, onde a inquietação por parte dos políticos em administrações anteriores já era por melhorias no perímetro urbano. Colocar Uberlândia nos rumos da “modernidade” e do avanço, sempre fez

²⁴ Prefeitura deseja adquirir áreas para construir casas populares. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, Quinta-feira, 22 de novembro de 1979.

²⁵ COHAB assina convenio com a Prefeitura para construir 1854 casas. *Correio de Uberlândia*. Sábado e Domingo, 6 e 7 de Janeiro de 1979.

parte dos discursos de seus diversos gestores. Nessa perspectiva, o então Prefeito Virgílio Galassi, lançava mão em sua administração, da busca por recursos junto ao Governo Estadual:

Das mais proveitosas, foi a recente viagem feita pelo Prefeito Galassi à Capital do Estado. Além dos contatos importantes, que manteve com as autoridades Estaduais e da União, o Chefe do Executivo de Uberlândia retornou ao seu Gabinete de Trabalho trazendo em definitivo autorização para construir mais cinco mil casas pelo BNH, seguindo com a sua meta de dar à cidade, em sua administração, dez mil residências para trabalhadores e pessoas de baixa renda. Através de convênio, o Prefeito de Uberlândia ganhará condições de construir uma ponte sobre o Rio Tijuco, na nova estrada em fase de construção, que ligará Uberlândia a Campo Florido, tendo acertado o empreendimento em Belo Horizonte.²⁶

²⁶ *Prefeito retorna de BH com boas reivindicações..* Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia-MG, quarta-feira, 16 de maio de 1979.

CAPÍTULO III

O LUIZOTE DE FREITAS ONTEM: PROBLEMAS E LUTAS

O Bairro/Conjunto Habitacional Luizote de Freitas não foi desde sempre como se encontra atualmente. Trata-se de algo que infelizmente é comum nos bairros que são “planejados” e construídos para receberem vários moradores que se mudam pra lá ao mesmo tempo ou todos de uma só vez. É diferente, por exemplo, da constituição da maioria das cidades, que no caso vão crescendo aos poucos, iniciando-se geralmente em torno de uma Igreja ou em função de alguma empresa, com uma pequena população que, à medida que vai crescendo, vão se estabelecendo por ali comerciantes e outros prestadores de serviços, de acordo com a demanda, mas paulatinamente. E quando se pensa num bairro residencial como o Luizote de Freitas, percebe-se uma constituição bem diversa.

O contato com alguns artigos da imprensa local, bem como as entrevistas feitas com dois ou três moradores do Conjunto, trouxe à tona elementos que nos levam a uma reflexão mais apurada quanto à estruturação deste Bairro/Conjunto, cujo planejamento não se mostrou o mais apropriado, visto que vários problemas começaram a aparecer logo na instalação dos seus primeiros habitantes. Pela imprensa local na época, o novo conjunto da cidade era apresentado da seguinte maneira:

[...].

INFRAESTRUTURA

Esse conjunto habitacional terá acesso asfaltado, serviço total de energia elétrica, água, esgoto, abertura de ruas inclusive com cascalhamento meio fios e sarjetas pela firma construtora que deverá entregar todos os lotes devidamente urbanizados.

PROJETO

Uma das preocupações na execução do projeto foi a de levantar o maior numero de dados possíveis de maneira que o mesmo resultasse que atendesse prioritariamente ao aspecto da humanização e funcionalidade dotado de extensas áreas verdes e escolas, centros comerciais, igrejas evidenciando-se esta preocupação que apenas 50% total da área se destinou aos lotes construídos.²⁷

²⁷ COHAB assina convenio com a Prefeitura para construir 1854 casas. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, Sábado, Domingo, 6 e 7 de Janeiro de 1979.

A princípio e teoricamente os moradores não teriam do que reclamar, bastaria pegar as chaves e se mudar. Tudo já parecia pensado para que nada lhes faltasse, inclusive escolas para seus filhos e até áreas de lazer. Em abril de 1979, saía o seguinte noticiário:

[...]. Este conjunto residencial tem características bem diversas dos anteriores, pois suas avenidas são amplas e largas, a urbanização recebeu moderna tecnologia e atualmente a Prefeitura já dotou o local de água e esgoto, além do meio fio, deixando preparado assim os leitos das ruas para receber alfartamento. A segunda etapa, deverá ser iniciada em junho, quando mais 600 casas serão construídas em três meses.

ENERGIA ELÉTRICA

Os preparativos iniciais, para dotar o local, onde estão praticamente prontas as primeiras seiscentas unidades, de redes de energia elétrica, estão em franco andamento e até a primeira quinzena do mês destinado para entrega, a CEMIG-MG ligará todas casas.²⁸

MODELOS

No conjunto Habitacional Luizote de Freitas, a COHAB-MG está construindo quatro tipos de unidades: Embrião com 2 quartos, 3 quartos e até 4 quartos, atendendo famílias de todos os portes.²⁹

Pelo que se percebe de antemão, a existência do meio fio apenas preparava as ruas para o recebimento do asfalto, o que quer dizer que os primeiros moradores inicialmente conviveriam com terra na porta de suas casas. Se 600 (seiscentas) casas seriam construídas em 3 (três) meses, também é possível questionar a qualidade das mesmas, por mais tecnologia e quantidade suficiente de mão de obra que existisse no final da década de 1970. Nessa perspectiva, D. Iracilda, ao ser questionada a respeito dos primeiros tempos no Luizote, sendo que foi uma de suas primeiras moradoras, disse o seguinte:

Aí nós fomo construíno a casa devagarzinho, mas foi muito difícil no início. Aqui num tinha água, uma poeira, nossa! Num tinha asfalto, num tinha nada! Foi muito difícil aqui no início. [...]. Deve ter mais ou menos assim uns oito meses assim (sem asfalto), que eles começou depois que já tava aqui. Num tinha nem piso na casa, era só no chão grosso. Nem cimento, cimento queimado, que fala? Não era. Era o piso grosso, ela não era murada, não tinha acabamento nenhum.

²⁸ Conjunto residencial do Bairro Luizote de Freitas é realidade. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, quinta-feira, 26 de Abril de 1979.

²⁹ Conjunto residencial do Bairro Luizote de Freitas é realidade. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, quinta-feira, 26 de Abril de 1979.

[...]. A energia nunca faltou. Desde que ligou... mas a água faltou demais no início, faltava muito. (D. Iracilda, 2013).

E as primeiras reclamações não tardaram a ocorrer, segundo a própria D. Iracilda, *[...] teve, teve sim. Era muita reclamação, né?! A água, asfalto, é, as primeiras casas assim, dava defeito, tinha questão de tá vindo arrumá.* No que diz respeito à estrutura das casas, há o seguinte depoimento:

Em vista que é hoje e pelo tempo que era há quase 30 anos atrás era uma das melhores, certo? Porque ocê vai lá no Industrial, olha o conjunto da COHAB que tem lá na Industrial! [...]. O da Industrial tem 40 anos. [...]. O Luizote e o Santa Luzia na época só, eles fez as rua do Industrial lá num dá pra ser mão e contra-mão, é... é duas mão sabe? As ruas lá é estreitinha, custa cabê um carro. [...]. (Sr. Walter, 2013)

Diante do exposto, sabe-se que atualmente as moradias construídas para pessoas de baixa renda são geralmente apartamentos que não passam de 50 metros quadrados, com no máximo 2 quartos, não importando o tamanho da família; diferentemente das casas semelhantes às do Luizote de Freitas que, construídas há 40 anos atrás, por pior que fosse sua estrutura e acabamento, no futuro poderiam sofrer modificações e ampliações. Tinha problemas? Sim. Isso é fato, mas é notório que há entre os moradores do Luizote uma espécie de orgulho, certamente pelas transformações ocorridas ao longo dos anos, em comparação com outros bairros ou conjuntos. Nesse sentido, são percebidas contradições nas falas dos entrevistados, onde em determinados momentos apontam para problemas sérios de infraestrutura, saneamento e outros e nas demais vezes engrandecem o bairro/conjunto, especialmente através de comparações. Uma dessas falas diz respeito ao tamanho do conjunto:

Luizote é o maior conjunto da América que eles fala, da América Latina, ele talvez não é o maior em extensão, ele nem é o maior em extensão, mas ele é o maior bairro de Uberlândia, mas é o maior bairro por habitante por metro quadrado, cê entendeu? Porque é 4.444 casa. (Sr. Walter, 2013).

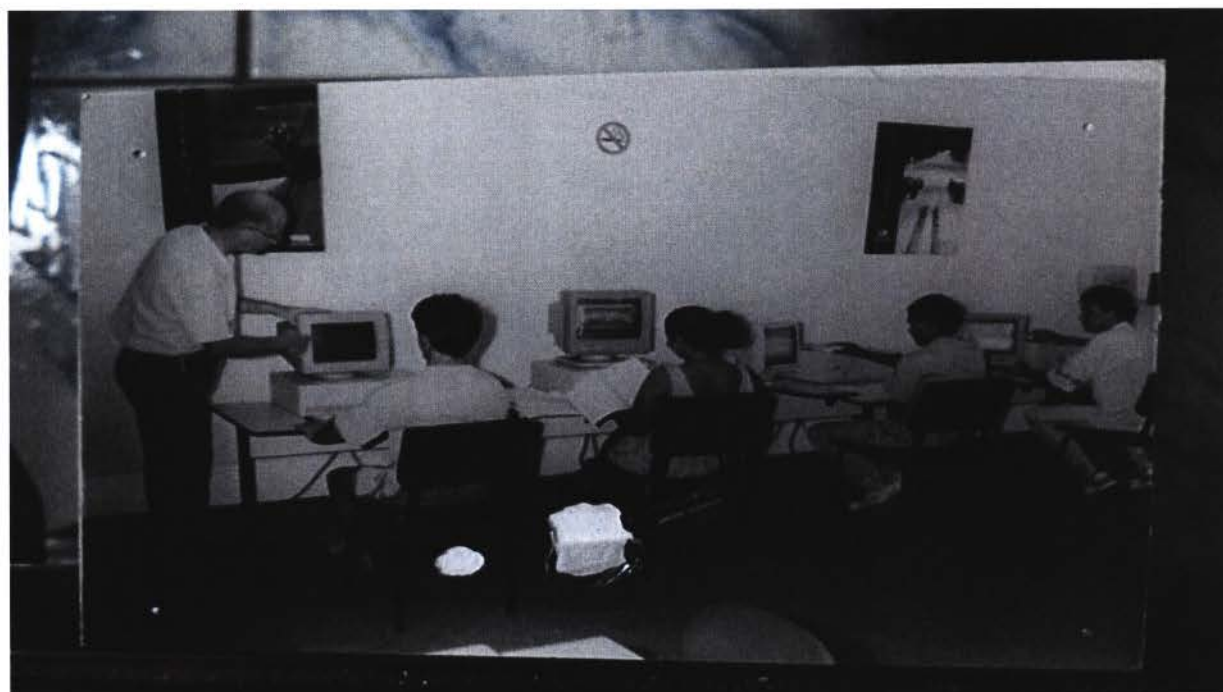
Se por um lado hoje há um enaltecimento do bairro em questão por parte de seus moradores, no passado não era bem assim; inclusive chegaram a ser vítimas de um preconceito escancarado.

[...]. Eles achava que... num era acostumado, então achava que tava morano no meio do mato e tal, né?! Quando eu vim morá aqui, o pessoal falô que eu tava morano em Monte Alegre... (Sr. Otávio, 2013).

Tinha, tinha preconceito danado: Ih ô lá da serra pelada, morado daqui ia fazê compra é... é fazê cadastro... quando falava bairro Luizote, certo? Já não era aprovado o cadastro, a maioria reclamava isso, muita gente abandonava as casa, né?! Principalmente aqueles predinho, cê lembra dos predinho? Tinha uma coisinha também que, né?! Abandonava aí e vinha outros e invadia, certo? Isso deu um trabaio pra essa COHAB! E eu organizando isso, eu acompanhei isso tudo, certo? (Sr. Walter, 2013).

O fato de ser morador do Luizote trazia implícitas imagens pejorativas. Tratava-se de um amontoado de gente pobre e que morava longe, na periferia da cidade. E realmente havia muitas famílias carentes, tanto é que o Sr. Walter, através da Associação de Moradores, oferecia cursos profissionalizantes, mas:

Não só qualificar as pessoas, certo? Mas também tinha muita gente pobre aqui viu?! Quando eu falei que era difícil pagar as prestação, tinha muita gente pobre que eu lembro de fazê campanha, arrecadá 200 cestas básicas, sabe? Pra distribuir pras pessoas carentes aqui no bairro. (Sr. Walter, 2013)



Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Walter do Nascimento, cursos de computação ministrados na associação de moradores do bairro Luizote de Freitas.

O fato de não terem seus cadastros aprovados em lojas comerciais na época, seria talvez por ainda não serem proprietários efetivos das casas onde residiam, mas “posseiros”, visto que só receberiam a escritura da mesma quando as quitassem. Isso pra não falar da imprensa, que possivelmente só noticiava o Luizote nas páginas policiais. O aumento da violência, de que se falará oportunamente, certamente teve como um de seus agravantes, justamente as invasões por forasteiros, de casas abandonadas por alguns dos primeiros moradores que não conseguiram se adaptar à nova realidade que este conjunto habitacional periférico lhes impunha ou mesmo por não conseguirem pagar suas prestações. O apelido de “Serra Pelada” seria, segundo o Sr. Otávio, *porque num tinha árvore*.

É importante chamar a atenção para a visão do Sr. Walter, morador e ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Luizote de Freitas; segundo ele:

Quando foi entregue essas 1585 unidades, foi na época do João Figueredo Presidente o ministro era [...] então quando foi entregue essas primeiras unidades, foi entregue assim mei nas Carreras sabe? Pra fazer politicagem, então foi João Figueiredo, o ministro na época [...] da fazenda, que administrava essa área, não existia Ministro da habitação essas coisas não. [...]. O governador Francelino Pereira e o Prefeito Virgílio Galassi, [...] então eles vieram entregar essas primeiras unidades que eram da primeira etapa do Luizote 1, por isso que existia Luizote um, dois, três, foi em três etapas. [...]. Então eles vieram entregar essas casas na correria, nem contrato não tinha, eles entregaram as chaves, o mutuário assinava um termo de ocupação do imóvel e pegava as chave. [...]. Uma folha só. (Sr. Walter, 2013).

Os jornais falam de 1854 casas, entregues aos moradores por etapas, já o Sr. Walter faz referência a 1585, o que deve ser averiguado. De qualquer maneira, não está descartada a justificativa apontada por ele, quanto ao objetivo da entrega das casas a qualquer custo. Fator inclusive que corrobora as reclamações que começaram a surgir já pelos primeiros moradores do Conjunto.

Quanto ao documento inicialmente assinado por cada mutuário na entrega das chaves, às pressas, o mesmo acabou sendo um transtorno 25 (vinte e cinco) anos depois, quando da quitação do financiamento das casas. O que também foi uma das lutas encampadas pela Associação de Moradores, através do Sr. Walter.

Só quando eles assinaram esse termo de ocupação a prestação já começou a vir religiosamente todo o mês pra eles [...] 25 anos o contrato que eles assinaram por dois anos, quando venceu os 25 anos cabô não né? A COHAB continuou cobrando mais dois anos eles pagaram 27 anos, então o promotor me mandou isso aqui na associação, porque eles reclamava, no outro mandato meu, eu entrei com pedido [...] junto com o promotor [...] entrou com ação contra a COHAB no nome desses 1585 mutuários, e eles ganharam, a COHAB recorreu e eles ganharam novamente, então o Estado não tem como recorrer esse tipo de ação em terceira instância [...], não podia ir para o supremo. [...]. Os 1585 recebeu os direitos daqueles dois anos que pagaram indevidamente pela COHAB, corrigido com juro e correção monetária até hoje. [...]. Ganharam já na segunda instância. (Sr. Walter, 2013).

Ao que se compreendeu, este termo de ocupação, referido anteriormente, foi substituído pelo contrato de financiamento das casas apenas depois de 2 anos que os moradores o haviam assinado e já estavam morando no conjunto em questão; quanto também foi instalado um escritório da COHAB no bairro. O termo de ocupação, de apenas uma lauda, indicava a pouca burocracia necessária para a rápida entrega das residências, segundo o Sr. Walter, visando à promoção política dos envolvidos com o projeto de moradia para a cidade na época. O documento que deu ganho de causa aos mutuários, de posse do Sr. Walter, foi fotografado e encontra-se em anexo. Entretanto ao que tudo indica tal processo ainda não chegou ao fim.

Retomando a ideia de politicagem a que o Sr. Walter fez menção anteriormente, lembra-se de um outro debate surgido quando da construção e entrega do Conjunto Luizote aos seus primeiros moradores. Trata-se da especulação imobiliária.

A história é a seguinte: isso aqui era uma fazenda dum parente do Felipe Attiê, tinha sido do bisavô do Felipe Attiê [...] veio vind, certo? O Estado precisava da área pra construir as casa, o Virgílio muito esperto, cês sabe como é que era, né?! Comprô essa fazenda aqui por 7 milhão de Cruzeiros na época toda fazenda! Aqui certo? Começava lá no Dona Zulmira ia até no Mansour era tudo fazenda, certo? Pegô essa parte aqui no meio e vendeu pro Estado por 14 milhões de cruzeiros. [...]. É, pego um cantinho que ficou ali óia, pro cê, eu sei até os valor, vendeu por 3 milhões de cruzeiro pra Constrular, que é aquele povo da Constrular dos Nascimento [...], que é Nosso Lar hoje, construiu 200 casa ali, que unificou isso tudo e Luizote e... ficou o Luizote aqui no meio e ele ficou com aquela área do Mansour por lá o Patrícia ali. [...]. Virgílio! É a VIGA, toda vida tem, né?! Que é Sérgio Ribeiro é genro dele, hoje diretor gerente é VIGA, é Virgílio Galassi a imobiliária, hoje ela é escondidinha

óia lá, ela fica no centro, [...]. Existe 18.000 (dezoito mil) imóveis [...]. O Virgílio ia candidatar a Deputado Federal começaram a lotear aquilo ali pra fazê dinheiro pra campanha que não tinha dinheiro pra campanha, aí loteou o Patrícia, certo?! Começou um terreno ali custava 2.000 os mais barato e 4.000 os mais caro já era Real, hoje quanto custa um terreno ali? Cê num acha um terreno ali por menos de 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais). [...]. Não acha, [...] a especulação... a valorização essa casa aqui claro que eu derrubei e fiz outra, eu terminei de pagá vai fazê cinco ano [...]. Porque antes não podia né?! Tinha que cê do projeto da COHAB. (Sr. Walter, 2013).

Tal esclarecimento não foi muito diferente do de outro morador do bairro, transcrito a seguir; de qualquer maneira, não havia muito a se fazer na época em relação a isso. A quem se deveria reclamar? Ao Ministério Público? Afinal que medidas poderiam ser tomadas?

[...]. Teve aqui do Patrícia, né?! (especulação imobiliária) Porque o Virgílio fez o Luizote e deixou o Patrícia. Então... e depois fez o Mansour. [...]. O prefeito, o Luizote de Freitas era dono dessa fazenda aqui. Isso aqui era uma fazenda. O prefeito, que era o Virgílio, comprou. [...]. A única exigência que o Luizote fez, foi que desse o nome dele a um conjunto, certo? Então, quê que aconteceu? O prefeito [...] vendeu pra Prefeitura. [...] O Virgílio vendeu pro prefeito que era o Virgílio. Entendeu? Com o dinheiro do Luizote I, [...] o pessoal fala, né?! [...]. O pessoal fala o seguinte, que com o dinheiro da venda das fazendas do Virgílio pro Prefeito, que era o Virgílio, pagou a fazenda todinha. Então sobrou o Patrícia, sobrou o Luizote II, sobrou o Luizote III, e me parece que o Mansour. (Sr. Otávio, 2013).

Para além disso, muitas foram as questões que vieram surgindo à medida em que se buscou informações sobre o Luizote de Freitas. A respeito dos modelos e ou estruturas das casas, no trecho a seguir consta que o critério para sua “escolha”, não seria apenas a renda salarial, mas também a quantidade de filhos ou o tamanho da família. Isso fica evidente em alguns depoimentos.

MODELOS

No conjunto Habitacional Luizote de Freitas, a COHAB-MG está construindo quatro tipos de unidades: Embrião com 2

*quartos, 3 quartos e até 4 quartos, atendendo famílias de todos os portes.*³⁰

Questionada sobre se havia a exigência de uma renda mínima ou máxima para o preenchimento do formulário que possibilitaria a aquisição da casa própria, D. Iracilda diz o seguinte:

[...]. Eu acho que tinha sim, tinha uma renda mínima... é, porque, aí podia escolhê de três quartos, de dois quartos, né?! Aí a nossa renda deu pra uma de dois quartos. Eu não peguei de três quartos porque a renda num dava. (D. Iracilda, 2013).

É a renda, e eles deram preferência pra quem tinha, por exemplo, mais filhos. De três pra cima, entendeu? [...] Então uma pessoa que tinha cinco filhos pegava três quartos. Entendeu?! (Sr. Otávio, 2013).

É importante esclarecer que D. Iracilda na época era casada e tinha duas filhas. Já o Sr. Walter, ou Waltinho do Luizote, como é mais conhecido, questionado sobre se as primeiras prestações das casas eram muito pesadas para o nível salarial do povo, responde que:

Era. Os primeiros anos não, era 20% da renda da família, que a pessoa comprovava, então não passava daquilo, só que quando aquela inflação começou, 5, 10, 15, 20 teve época que ela chegô a 40%, disseram que ela chegô a 80, certo? Mas eles não tinha coragem de falar, então eles jogavam 40, então porque que existe resíduo financeiro existia, hoje não existe mais, é porque a inflação, se você financiava um imóvel cê comprovava uma renda ali então cê podia pagar 20% do salário por lei, né?! O mês que vem a inflação vinha 20% a prestação também subia 20%, no fim do ano a inflação 100, 200%, certo? E o salário não acompanhava [...] a gente pegava aquela sobra da inflação e jogava para o final, então é o resíduo do financiamento. (Sr. Walter, 2013).

Através da Associação de Moradores, mesmo a partir de 1991, quando foi o primeiro mandato do Sr. Walter, as reclamações eram muitas por parte dos moradores nesse sentido. E o Sr. Walter, por sua vez, estava sempre no escritório da COHAB levando tais reclamações:

³⁰ Conjunto residencial do Bairro Luizote de Freitas é realidade. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, quinta-feira, 26 de Abril de 1979.

Esse pessoal do escritório, hoje, o Cleiber, Aparecido e o Moábio eles querem ver o [...] e não que me vê. Tava ali reclamando, desde que não era permitido comércio no Luizote, sabe. [...]. Aqui era dormitório, dormitório. [...]. Não era permitido comércio, a COHAB tinha três centro comercial, tinha um lá no lado de cima do Juvenilha ali, tinha um aqui onde é o bar do Léo de cá da Associação tem um depósito de gás um bar, ali era um centro comercial e tinha outro aqui onde é aquela Igreja ao lado do EMEI. [...]. Podia ter era um mercado um açougue, uma padaria, uma farmácia, cada um tinha seu ramo de comércio certo, então ela (COHAB) vendia aquelas lojas caríssimas não podia abrir comércio, eles iam com polícia fechar buteco nas garage. [...]. Era caríssima, financiadas igual as casas, só que uma loja valia valor de umas três ou quatro casas, uma lojinha daquela. (Sr. Walter, 20013).

O assunto entrou para a questão do comércio, justamente pela perspectiva do Sr. Walter no sentido de que, se os moradores tivessem uma renda extra, através quem sabe de pequenos comércios nas portas de suas respectivas casas, isso facilitaria o pagamento das prestações do financiamento das mesmas.

[...] o Luizote não foi construído igual nós falamos, não foi pra isso que é hoje, o Luizote era pra ser um conjunto residencial... habitacional, nem comércio era permitido, né?! E si aí aquela Júnia Marise é que liberou pra nós, [...] ela tava em campanha pra senadora era vice do Newton Cardoso, certo? Era pro Newton Cardoso ia me recebê, tava marcado com o Newton Cardoso e ela que me recebeu e ela diz que não sabia dessa... essa medida que a COHAB tava tomando, né?! É... isso é contra a lei do direito de ir e vir [...], de liberdade que eu podia vir embora tranquilo e ainda me doou 1.700 tijolo pra uma creche, certo? E o Sr. pode ir embora tranquilo eu já vou reunir com o governador vou resolver essa semana, 15 dias depois eu recebi um documento uma carta dela na Associação falando que a população tava livre pra comercializar o que quisesse. (Sr. Walter, 2013).

Isso aconteceu por volta de 1990, visto que ela foi vice-governadora do estado de Minas Gerais a partir de 1986 e partir de 1991 foi senadora. Enfim, durante 10 (dez) anos, os moradores do Luizote de Freitas foram proibidos de comercializar qualquer mercadoria no bairro. Nesse sentido tem-se o seguinte:

[...] Não tinha especulação, depois que... que liberou o comércio aí sim a especulação começou, certo? Porque as pessoas não tinham onde comprá nada, cê tinha que cair no

centro comercial e eles vendia pelo preço que eles queria, né?! Pão, muitos trazia pão à tarde lá da, vinha do serviço então já trazia os pão de manhã, certo? Porque aqui eles era mais caro que qualquer lugar é... era tudo mais caro. (Sr. Walter, 2013).

Esta foi a sua resposta ao ser questionado sobre a especulação imobiliária. Mas interessante que algo a respeito do que não se tinha pensado antes, surge numa fala extremamente contraditória. Aqui se faz menção a dois tipos de especulação: a que existia por parte dos donos dos centros comerciais, os quais colocavam os preços que queriam nas mercadorias e serviços, visto que os moradores não tinham outra opção, dada a distância do bairro de outras instituições comerciais; e a que passou a existir após a liberação do comércio no bairro, quando os terrenos ou casas localizadas na avenida principalmente, foram supervalorizadas, sendo que ali se vislumbravam pontos estratégicos onde se poderia construir cômodos comerciais.

Voltando ao valor das prestações, só para se ter uma ideia,

Era difícil era difícil, eu to te falando era em Cruzeiro, então a prestação chegou num ponto que o salário era 275 mil cruzeiros a prestação chegava a 120 e tantos mil cruzeiros. [...]. Aí começaram a chamar o pessoal pra fazê opção pra quitá na opção de pagamento certo [...] jogava por fim uma quant... um tanto lá pra diminuir o valor da prestação. Tudo era aqui, vinha de Belo Horizonte, o Creuber que era o gerente regional, aqui era o escritório regional da COHAB de todo o Triângulo Mineiro [...]. Muitos não fez a opção, saiu bem no fim porque? O Fernando Henrique fez uma Lei 10.150/2000 31 de dezembro de 2000, essa lei que dá o direito de todos os mutuários que tinha assinado contrato na área de habitação até 31 de Dezembro de 87 tinha direito da quitação antecipada do saldo devedor [...]. Pra pagá é, ninguém tava dando conta, sabe? E tanto que tinha gente a três, quatro ano que não pagava uma prestação. [...]. Despejo um em cima do outro e aí eu tinha conhecimento da lei. [...] A COHAB chegou a fazê (despejo), mas a lei não permitia, porque depois saiu aquela lei de quem tivesse uma casa, um imóvel só, certo? Sabe? Ninguém podia tomá, então se eles tava pagando ele tinha o imóvel era dele já não era tanto da COHAB, então o juiz garrava nisso, certo? (Sr. Walter, 2013).

Pelo que o Sr. Walter deixou claro, praticamente não se conseguiu despejar nenhum morador. Estes, na iminência de ocorrer tal fato, corriam para pedir ajuda a ele, então presidente da Associação de Moradores, que por sua vez pedia ajuda a um promotor de justiça na época.

Adentrando na especificidade dos problemas iniciais do Luizote de Freitas, perguntou-se ao Sr. Walter, quais eram as reclamações mais comuns por parte dos moradores na Associação dos Moradores do Bairro, isso a partir de 1991, quando assumiu sua presidência, ao que nos respondeu o seguinte:

Primeiro a energia, nossa! Era um tomatim, chega à tarde, cê escutava estouro pra tudo lado aqui no horário de pico, porque era fraquinho, era pra 15 mil habitante a... a estação. [...]. Era 110, até hoje. Tudo tá mudando, essa casa aqui no fundo é 220. Então primeiro a energia, nós trocamos todo sistema de energia do bairro, os poste não era esses que tá aí, era uns postim finim baixim, certo?! Transformador tudo eu lembro que na inauguração era o tal de... era o chefe do setor de iluminação e telefonia dentro da Secretaria de Serviços Urbanos, Professor Dorneles é que veio: Ô Valtinho, hoje cês tem energia é pra 100 mil habitante com a nova estação. [...]. Água, nossa! Água aqui era pra papagaio mesmo, certo?! Era um pocinho artesiano que tinha ali na saída do Tocantins. Só vinha água de madrugada e nossa caixa d'água era de 500 litros, das casas, mal dava pra encher as caixa as caixinha de 500 litros, certo? Eu já tinha feito um abaixo assinado e não saía nada, então segundo era a água, certo? Prioridade, terceiro mais uma escola, a Mário Alves foi construída, quarta, um ginásio coberto dentro do poliesportivo [...]. (Sr. Walter, 2013).

As três prioridades apontadas pelo Sr. Walter eram estas; entretanto, questionado sobre se havia demanda para creches, por exemplo, o que também não deixa de ser uma prioridade e das mais importantes, o mesmo responde o seguinte:

O EMEI, esse EMEI aqui, ele é um projeto do secretario aquele secretário do Virgílio... Dr. Afrânio Professor Afrânio, aqui esse EMEI ia lá pro São Jorge, certo? Aí eu conversei com ele não, mas já tudo [...]. Dr. Afrânio, é... no Luizote nós tá com mais de 1.000 criança de zero a três mês que era de três mês a cinco ano, seis anos, né?! Que era sete ano: Ué Valtinho! Então cê me prova isto. Eu tinha secretária e contratei mais duas senhoras. Saímos de casa em casa entrevistando as mães, se tinha criança em casa de tanto a tanto a idade, certo? E que não tava em creche, deu 800 e tantas crianças que não tinha inscrição em nenhuma creche, era pra pegá as que não tinha, eu pegava em outras creche aí, e tava na fila de espera que tinha três creche da prefeitura que funcionava nas casas da COHAB, certo? Funcionava uma aqui em cima na 53, uma lá em baixo hoje até virou uma escola municipal eu nem sei o nome dela, certo? Outra de lá da represa, aí eu fui nas três creches e peguei [...] deu 1.500 e tantas crianças só no Luizote que não tinha creche e

eu peguei uma caixa desse tamanho das folhas das entrevistas certo? E levei pra Dr. Afrânio da Secretaria de Educação, era ali no bairro Lídice que não cabia, tinha aquela prefeitura antiga: É, cê tem razão, nós vamo estudá isso aqui, certo? Aí passou EMEI construiu aqui, esse aqui aquele EMEI ali. (Sr. Walter, 2013).

Como se vê, pode ter sido a partir das várias gestões do Sr. Walter na presidência da Associação de Moradores do Bairro Luizote de Freitas, a partir do ano de 1991, que muitos problemas começaram a ser sanados ou amenizados, graças à sua luta e às reivindicações dos moradores. Conforme lembranças do próprio, seus mandatos se deram nos seguintes momentos:

[...] 91 a 93. E as outras, o estatuto era o antigo [...]. eu fiquei de 93 a 95, sabe? E mudamo o estatuto, aí o presidente não podia reelegê, aí eu fiquei até 99 fora. Tornei a candidatar e ganhei a eleição fiquei até 2001. Fiquei mais... aí dei uma descansada eu fui pra câmara trabalhei dez anos na câmara com o Norberto, vereador Norberto, certo? E voltei agora. Três anos atrás candidatei e ganhei a eleição de novo, certo? Fiquei mais três anos fiz a eleição de março desse ano. (Sr. Walter, 2013).

É possível perceber a precariedade estrutural do bairro e a falta de planejamento em termos de escolas, por exemplo ou até de bocas de lobo:

[...] Cento e sessenta boca de lobo que tinha no Luizote I (foram refeitas) na primeira etapa, porque no Luizote II não tem, e nem no III, certo? Era aquelas antiga de lado assim, tinha que desentupir e reformulá as boca de lobo porque tava... a água qualquer chuvinha virava aquele... alagava tudo. (Sr. Walter, 2013).

Problemas estes que vieram se resolvendo apenas por meio de pressões dos moradores, através da Associação de Moradores, junto ao poder público municipal. O problema do transporte público, ao que foi percebido, estava intrinsecamente amarrado à questão do asfalto. Conforme já transcrito da fala dos entrevistados, nos primeiros meses após a entrega das casas, as ruas não foram asfaltadas, com exceção da avenida principal, que dá acesso ao bairro.

[...]. as linhas de ônibus porque os asfalto não era asfalto, eles jogaram um cascalho um... um piche, certo? E uma massinha por cima era... era muito ruim, então as vias de ônibus que era

movimentada virou um queijo suíço, era horrível, certo? Então o Zaire fez um novo asfalto nas via de ônibus [...] só na linha de ônibus! [...]. Terra e cascaio do Luizote dois e o três, o um o asfalto era mais ou menos, era bom, certo? [...]. O recapeamento de todo o asfalto do Luizote um e dois, e foi feito o recapeamento, certo? Num foi feito de novo, mas praticamente aqui... uma beleza! [...] Foi tudo negociado com o Ferola. (Sr. Walter, 2013).

Em outras palavras, no início só eram asfaltadas aquelas ruas por onde o transporte público trafegava e assim mesmo não era um asfalto de boa qualidade, fazendo com que os buracos não demorassem a surgir e atrapalhasse o trânsito de veículos.

Segundo os depoimentos, vários foram os motivos: a violência no bairro começou, mas não no início, com os primeiros moradores e sim com a segunda geração de moradores, ou seja, quando as crianças das famílias chegaram na adolescência e juventude, por volta de 1985, 1986; outro motivo foi a completa povoação do bairro; outro ainda, conforme já se adiantou mais no início do capítulo, a chegada de “invasores” nas casas abandonadas pelos primeiros moradores.

Quando finalizou tudo e as pessoas que tinha abandonado as casa, outros vinha é... é invadia, tomava conta, outros que foram embora e voltava, sabe? Depois que liberou o comércio, começou na avenida a construir o comércio, ninguém queria sair do Luizote não, cê entendeu? O povo qué conforto, certo? É isso. (Sr. Walter, 2013)

[...]. O negócio foi o seguinte, a, com esse negócio que eu te falei, deles dá preferência pra cinco pessoas, sete filhos, com filho aquela coiserada, qué que aconteceu? Vamo supor que fosse cem mil habitante, pro Luizote... Dentro de cinco anos, por exemplo, de cem mil passou pra quinhentos. Por quê? Os filhos cresceram, todo mundo [...] fez uma casa no fundo [...]. Já tornou a família tornou três, quatro família, entendeu como é que é o negócio? (Sr. Otávio, 2013).

Então foi na verdade um conjunto de supostos motivos que levaram a ações violentas no bairro. Segundo Dona Iracilda, *[...] até cortá a orelha do outro aqui já cortou. [...].*

Nessa época da violência que eu te falar, o Luizote era complicado, tanto que os traficante vinha pra cá pra escondê, morá, certo? É... tinha muito viciado, roubo... nó! Eu mesmo fui roubado umas três vezes, certo? É morte, ih!!! Dizem que era mesmo policia que acabava e na verdade era, certo? Os chefão

aqueles baguncento chefes da gangue, certo? Foi morrendo tudo, eu conheço uns seis, conhecia. Era amigo meu! Foi tudo morto em redor aí com tiro na cabeça, ninguém ficou sabendo quem era, esse pessoal foi melhorando, cabando com esse pessoal, foi melhorando, certo? (Sr. Walter, 2013).

Mas interessante que volta-se a valorizar o bairro ao se justificar que tal tipo de coisa é normal:

Não, agora tá... É o que tá acontecendo nos outros bairro, tipo Canaã, que tá passando por essa fase, né?! De violência, né!? De... Aí depois sabe o quê que acontece? Vai afastando, automaticamente esse pessoal vai vendendo a casa... o chefe da casa morre... E aí os filho vende [...]. (Sr. Otávio).

Por outro lado, é preciso resistir a esse tipo de explicação ou justificativa. É inadmissível continuar ligando a violência às periferias, onde à medida que outros bairros vão surgindo, cada vez mais afastados dos centros das cidades, as ondas de violência vão mudando de endereço, e onde continua-se a aceitar o movimento referido como se fosse algo natural. Entende-se que a violência nas periferias não se deva apenas à pobreza, mas quem sabe à falta de equipamentos mesmo, de lugares de lazer nos bairros, de instituições de educação públicas, mas de qualidade, que levem não à inserção mas também à permanência das crianças e jovens nas escolas em período integral.

Quanto ao policiamento, funcionava ali um PPO ou Posto Policial Ostensivo, também conhecido como PPC. Posto este que fechou, segundo o Sr. Walter, por falta de demanda. Certamente que passou a funcionar ali devido aos fatos violentos que ocorreram no bairro, mas não se sabe a partir de quando.

Quando se questiona onde a população do bairro recorria quando se tratava da saúde, a unanimidade das respostas foi a Medicina ou Escola de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, no bairro Umuara, que na época ficava na outra extremidade da cidade, em oposição à localização do Luizote de Freitas. Entretanto, devido a distância,

Tinha que correr no vizinho, eu tinha um fiatinho verde 147 também, eles chamavam ambulancinha verde do Waltin, que era as meia noite qualquer hora batia na minha porta pra levá, certo? E quantas vez, eu não sei a conta que eu subi aquela rodovia correno com pessoas passando mal, certo? Depois que inaugurou o UAI daqui também foi uma beleza. [...]. (Sr. Walter, 2013).

A Unidade de Atendimento Integrado – UAI do Luizote, que foi o primeiro lugar de atendimento à saúde para os moradores do Bairro Luizote de Freitas foi inaugurado no dia 1º de Maio de 1993; o que significa afirmar que a população ficou sem atendimento à saúde por uns 13 (treze) anos.

Como é possível observar, a população do Conjunto, atual Bairro Luizote de Freitas, passou por muitos problemas, alguns já resolvidos totalmente, outros relativamente, mas acredita-se que muitos deles seriam evitados se tivesse havido realmente um planejamento bem feito e execução efetiva e com qualidade do mesmo. O que não é diferente de outros bairros ou conjuntos habitacionais pensados para a população assalariada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num primeiro momento, a ideia era ouvir vários moradores ou lideranças do bairro: religiosos, “políticos”, pessoas que vieram desenvolvendo trabalhos sociais, enfim, entretanto, após a entrevista com o Sr. Walter, onde se passou a conhecer melhor sua história de vida, tanto pessoal quanto pública, a opção foi por privilegiá-lo. Por outro lado, sabe-se que a história é reescrita sempre e outros pesquisadores certamente tomarão contato com elementos que enriquecerão ainda mais as lutas do Bairro Luizote de Freitas numa perspectiva acadêmica. O resultado deste trabalho é somente uma pequena contribuição nesse sentido. Ao se levar em consideração, por exemplo, o fato de ser cadeirante, bem como afirmações apimentadas, tais como:

Eu posso batê no peito que quem lutou por o Luizote, essa região aqui fui eu politicamente até humilhei politicamente que eu era PMDB certo?Primeira vez que eu entrei na Associação eu era PMDB que o [...] conseguia era quebra-mola [...] todo mundo queria quebra-mola na sua porta, eu não consegui nenhum quebra-mola. [...]. Aí um dia o Odelmo, a gente era muito amigo, que ele me ajudou a fundá a... a organizá o time de basquete de cadeira de rodas na APARU, as dez primeira cadeira foi ele que me deu, ele era presidente do sindicato, nem

político ele não era ainda certo? Aí ele: Valtinho, vem pro nosso grupo, vou marcá com o Ferola, cê vai e negocia com ele... Que eu falei: Odelmo, eu não consigo um quebra-mola pro Luizote... Negocia o que ocê quisé lá, põe no papel e negocia com ele, eu vou conversar com ele e negociamo dez melhoria pro Luizote, olha pro cê vê o que é importante, o quê que é a política [...]. (Sr. Walter, 2013).

Bom, ele mesmo já deu indícios a respeito do que vem a ser a “política” ou as negociações políticas”, ele próprio fruto de tais negociações enquanto político, inclusive candidato a uma cadeira na Câmara Municipal de Uberlândia. Consta em anexo um folheto de publicidade de sua candidatura, pela coligação PTC/PTN, onde o mesmo relata seus grandes feitos em prol do Bairro Luizote. No trecho antes transcrito, é notório também o quanto é polêmica a temática de constituições e subsequentes melhoramentos de bairros ou conjuntos habitacionais, a exemplo do Luizote de Freitas.

Outra fala polêmica do Sr. Walter e que merece atenção e melhor análise crítica é onde ele cita o ex-prefeito Paulo Ferola e outros políticos.

Foi o prefeito que mais fez pelo Luizote, por essa negociação política minha, porque eu tinha credibilidade com a imprensa, que se eu ligasse na imprensa por causa da APARU, se ligasse na imprensa pra mostrá um poste torto vinha uns sabe? Ó, político tem medo é de imprensa, né?! Então eles queria tirar de todo jeito do PMDB, eu tenho foto com o Zaire, com o Geraldo Rezende, o Geraldo era deputado e um bom deputado, hoje nós é muito amigo. (Sr. Walter, 2013).

Fica claro sua opção partidária ao se referir àquele que foi o que mais fez pelo Bairro, entretanto, deixa transparecer que tem/tinha uma boa relação com o ex-prefeito Zaire Rezende e o deputado Geraldo Rezende, ambos do PMDB.

Retomando as mudanças pelas quais o Luizote veio passando até o momento atual, o sentimento elevado de dignidade dos moradores aparece claramente:

[...]. As melhoria do Luizote que o comercio expandiu, nossa! Melhorou 1000%, certo? Hoje eu não acho o que tem que fazê no Luizote não... um dia numa reunião com a nova diretoria [...] eu falei: Olha tem a areia de rede pluvial, a parte alta do bairro não tem! Cês vê, quando chove essa avenida aqui vira um mar, aí ô vem travessá o canteiro central, traz areia, terra, tanto agora construiu lá em cima, agora não vai num vem tanta areia, certo? Depois construiu o Luizote III ali que agora unificou tudo

[...] também são mais 900 e quase 1000 terreno ali, certo? A rede fluvial e a rede de esgoto que ainda é aquelas manilhazinha de cerâmica antiga, certo? De vez em quando dá um problema sério aí, mas isso aí é obra difícil que político não gosta [...]. (Sr. Walter, 2013).

Mas fica claro também que os mesmos problemas estruturais que surgiram no início do conjunto habitacional continuam aparecendo à medida que novas residências vão sendo entregues a novos moradores. Então é um depoimento contraditório: O Luizote de Freitas melhorou mil por cento, só que não.

NOVEMBRO/2001 **ALÔ LUIZOTE** **PÁGINA 3**

CONHEÇA O SEU BAIRRO

Luizote: uma cidade dentro da outra

Com uma população estimada em 40 mil habitantes, o bairro Luizote de Freitas tem atraído a atenção de empresários de toda a cidade, a ponto de muitos deles transferirem os seus negócios para cá. Assim, além de uma população muito grande, o Luizote conta, também, com um movimento comercial que não se vê na grande maioria das cidades mineiras. É o que se pode chamar de "uma cidade dentro da outra".

Localizado no setor Oeste de Uberlândia, o Bairro Luizote de Freitas foi inaugurado no dia 13 de abril de 1980 pelo então presidente João Figueiredo, pelo governador Francilino Pereira e pelo prefeito Virgílio Galassi. Naquele dia, foi inaugurada apenas a primeira etapa do bairro, chamada de Luizote I. Hoje, são 4.888 testas (lotes construídos), muitas delas com mais de um imóvel construído, o que justifica a existência de cerca de 40 mil habitantes. Só de eleitores o bairro conta com mais de 21 mil.

Para se ter uma idéia da dimensão do Luizote, o bairro conta com uma UAI – Unidade de Atendimento Integrado, um PPO – Posto de Policiamento Ostensivo, também conhecido como PPC, 33 templos religiosos, entre igrejas e centros espíritas e nove instituições públicas de ensino. São elas: EE. Professora Juvenilha Ferreira dos Santos, EE. Professor Leônidas de Castro Serra, EE. José Geraldo Junqueira, EM. Professor Mário Alves, EM. Luizote de Freitas, EM. Professora Ceci Cardoso Porfírio, Emei – Escola Municipal de Educação Infantil e Uomen – Unidade de Atendimento ao Menor e ao Adolescente.

Segundo o presidente da associação de moradores, Waltinho do Luizote, o rápido crescimento do bairro trouxe também uma série de problemas, especialmente de infraestrutura (redes de água, esgoto e águas pluviais), que não acompanhou esse crescimento. "Apesar do Orçamento Participativo ter contemplado



Uberlândia tem dentro de si uma outra cidade: Luizote de Freitas o Luizote com um Centro Cultural, o nosso maior problema é de infraestrutura", disse ele.

Nota
Nas próximas edições estaremos falando especificamente sobre os diversos equipamentos existentes no bairro, como UAI, MEI, PPC, entre outros.

Fonte: Jornal Alô Luizote, Novembro de 2001.

O que outrora recebeu os cognomes "Cidade Dormitório", "Serra Pelada" e outros, mais atualmente, como está estampado no jornalzinho "Alô Luizote", editado pela Associação de Moradores do Bairro, passa a ser referenciado como uma cidade dentro da outra, tais as mudanças ocorridas ao longo dos primeiros 20 (vinte) anos.

ARTIGOS DE JORNAIS

Cohab assina convenio com a prefeitura para construir 1854 casas, *Jornal correio de Uberlândia*, Uberlândia, Sábado e domingo 6,7 janeiro de 1979.

Conjunto residencial do Bairro Luizote de Freitas é realidade, *Jornal correio de Uberlândia*, Uberlândia quinta- feira, 26 de Abril 1979.

Prefeito retorna de BH com boas reivindicações, *Jornal correio de Uberlândia*, Uberlândia, quarta-feira, 16 de maio de 1979.

Presidente Figueiredo autoriza COHAB em Uberlândia, *Jornal correio de Uberlândia*, Uberlândia quarta-feira, 26 de setembro de 1979.

Bairro mais comercial da cidade também faz festa, *Jornal Correio Uberlândia*, 31 de agosto de 2013.

Ministro do Interior e Governador de Minas inauguram o mais bem planejado conjunto habitacional, *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, sexta-feira, 11 de julho de 1980.

Ortopedista é neto do fundador, *Jornal Correio de Uberlândia*, Domingo, 05/04/2009, p. B3

Os inscritos começaram a ser chamados em Janeiro, *Jornal Correio de Uberlândia*, Uberlândia, quarta-feira 24 de Outubro de 1979.

Delfim dá uma nova investida no combate contra a inflação. *Jornal Correio Uberlândia*, 23-1-1980, p.4.

Novas indústrias para espantar o desemprego, *Jornal Participação*, Maio de 1985.

Comunidade prepara para receber o Presidente Figueiredo, Jornal Correio de Uberlândia, quarta-feira, 13 de Agosto de 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, M, Marcus Vinicius e FILHO, R, Vitor, O Subcentro Luizote de Freitas em Uberlândia (MG): Novas Centralidades no Contexto das Cidades Médias *OBSERVATORIUM – Revista Eletrônica de Geografia*. V.1, n.2, jul. 2009, p.74-89.

SIMONINI, Giselda C. da Silva. *Telefonia: Relação Empresa e Cidade: 1954-1980*. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em História da PUC/SP, 1994.

Internet: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1460.pdf>, IBGE, 2010. Acesso em 02/11/2013.

Internet: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=72>. Acesso em 02/11/2013.

Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_prefeitos_de_Uberl%C3%A2ndia. Acesso em 03/11/2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CASA CIVIL, subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4380.htm>. Acesso em 29 set. 2013.

COMPANHIA DE HABITAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, História. Disponível em <<http://www.cohab.mg.gov.br/show.php?idnoticia=15>>. Acesso em 28 set. 2013

Fontes iconográficas:

<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/mais-seis-bairros-de-uberlandia-terao-videomonitoramento-ate-o-final-do-ano/>. Acesso em 03/11/2013.

Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, quinta-feira, 23 de Agosto de 1979.

Jornal Participação: Janeiro de 1987 planta do Bairro Luizote de I e II Freitas p.7.

Fonte: Arquivo pessoal do Senhor Walter do Nascimento, cursos de computação ministrados na associação de moradores do bairro Luizote de Freitas.

TABELA:

SOUZA, M, Marcus Vinicius e FILHO, R, Vitor, O Subcentro Luizote de Freitas em Uberlândia (MG): Novas Centralidades no Contexto das Cidades Médias *OBSERVATORIUM* – *Revista Eletrônica de Geografia*. V.1, n.2, jul. 2009, p.74-89.

ENTREVISTAS

Entrevista, Iracilda Camargo Santos, 71 anos e Otávio Jose de Oliveira 65 anos moradores do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, realizado no dia 17/09/2013 em sua residência.

Entrevista, Walter do Nascimento 61 anos, morador do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, realizada no dia 05/10/2013 em sua residência.